

Grupo dos Oito pede solução para a dívida

Getulio

Punta Del Este (Uruguai) — Pela segunda vez, desde novembro de 1987, os presidentes do Grupo dos Oito se reunirão, para discutir novas fórmulas para um problema antigo: a dívida externa que, no total, é de quase US\$ 400 bilhões. Só que, desta vez, os países representados serão sete. O Panamá foi excluído do Grupo este ano, depois que o comandante das forças armadas, general Manuel Noriega, provocou a queda do presidente Eric del Valle.

Dos sete países restantes, um (México) já teve eleições presidenciais este ano e outros quatro (Brasil, Argentina, Uruguai e Venezuela) as terão em 1989. Apenas dois presidentes — Virgílio Barco Vargas, da Colômbia, e Alan García, do Peru — estarão realmente governando, sem a sombra de um sucessor, na próxima reunião, no ano que vem, em Lima. Mas o primeiro tem que lidar com sete grupos guerrilheiros e 130 esquadrões da morte, financiados pela mais poderosa máfia de narcotraficantes da América Latina. E o segundo enfrenta o antasma de um golpe de estado.

Apesar disso, a reunião no balneário de Punta Del Este (a 130 quilômetros da capital uruguaia, Montevideu) promete novidades, especialmente agora que os Estados Unidos mudarão de governo. Em novembro, elegerão para substituir o presidente Ronald Reagan, o democrata Michael Dukakis, ou o republicano George Bush, que aparece nas pesquisas como o candidato favorito.

O chanceler da Argentina, Dante Caputo — que acaba de ser eleito presidente da quadragésima-terceira assembléia das Nações Unidas — quer que os sete países do Grupo dos Oito passem a negociar diretamente com os Estados Unidos um mecanismo para reduzir o fardo da dívida externa. Seus contatos podem ser úteis.

Já o presidente José Sarney, do Brasil, desembarcou ontem em Punta Del Este, elogiando a proposta feita por seu colega da França, François Mitterrand: a redução do capital

da dívida. Funcionaria assim: o Brasil, por exemplo, que dos US\$ 120 bilhões de dívida externa, deve 70 bilhões aos bancos privados, emitiria títulos com valores mais baixos. Atualmente, a dívida brasileira custa de 40 a 50% mais barato no mercado financeiro internacional. Se a proposta fosse aceita, um título de US\$ 10 bilhões da dívida brasileira seria vendido a US\$ 5 bilhões.

Para validar esses papéis, falta, no entanto, o respaldo de um governo credor. Por isso, a proposta brasileira casa com a da Argentina, que quer estabelecer um contato direto do Grupo com os Estados Unidos.

— Todos os países latino-americanos precisam encontrar saídas para a dívida externa. A dívida não pode ser paga mediante o surgimento de ovas dívidas, que impeçam o crescimento — disse ontem o chanceler brasileiro Abreu Sodré, deixando claro que não haverá uma negociação conjunta com os credores, mas que é impossível continuar tomando mais dinheiro emprestado para simplesmente pagar os juros, como vem ocorrendo.

Apesar de cada habitante dos países do Grupo dos Oito dever pouco mais US\$ 1 mil aos bancos credores, a dívida externa não é o único problema que será discutido nessa segunda reunião de presidentes.

As retaliações norte-americanas custarão ao Brasil US\$ 39 milhões mas, mesmo assim, o tom da reclamação brasileira será suave.

Outro problema será o arcotráfico. O Peru e a Colômbia produzem coca. O Brasil e a Venezuela fabricam os insumos necessários para transformar a planta na droga cocaína.

O produto chega aos Estados Unidos e à Europa pelo México, e, apesar de serem menos afetados que o resto dos membros do Grupo dos Oito, a Argentina e o Uruguai querem cortar o mal pela raiz.

Hoje será a primeira reunião de trabalho, na qual se falará também sobre os problemas da América Central e do meio ambiente.

REUTERS



Sarney, no Uruguai: Governo oferece sua contribuição ao pacto com o novo pacote fiscal e desestatização intensiva